

METACOGNIÇÃO E SUA INTER-RELAÇÃO COM A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO EMPRESARIAL

METACOGNITION AND ITS INTERRELATION WITH INFORMATION LITERACY IN THE BUSINESS

Gysele Fernandes dos Santos Rogo^a

Marta Lígia Pomim Valentim^b

RESUMO

Objetivo: Objetiva-se refletir sobre a inter-relação da metacognição com a competência em informação, no que tange à aprendizagem organizacional. **Metodologia:** Adotou-se como procedimento metodológico a revisão de literatura, a partir de levantamento realizado na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação e no Google Acadêmico. **Resultados:** Como resultados, evidenciou-se que a metacognição é um importante fator para a aprendizagem no contexto da organização, uma vez que o sujeito organizacional potencializa suas competências e habilidades no manuseio de dados, informações e conhecimento, proporcionando maior efetividade ao próprio desempenho profissional. **Conclusão:** A metacognição fortalece a competência em informação, tornando os profissionais mais aptos a lidar com desafios organizacionais de forma eficaz.

Palavras-Chave: Metacognição. Competência em Informação. Aprendizagem Organizacional. Ambiente.

1 INTRODUÇÃO

As transformações vivenciadas na sociedade contemporânea, fruto de significativos avanços tecnológicos impactam nos meios e modos de produção, afetando as relações do indivíduo com seu trabalho e na crescente exigência de novas competências, habilidades e atitudes. Nesse cenário, estudos realizados

^a Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente de graduação e pós-graduação *latu sensu* da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, Brasil. E-mail: gfs.rog@unesp.br

^b Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, Brasil. E-mail: valentim@valentim.pro.br

pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) e pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) sobre a questão da sustentabilidade, destacam a urgência do desenvolvimento de competências e habilidades compatíveis com um contexto em constante mudança (Rossetto; Belluzzo; Feres, 2016).

A competência em informação necessita ser percebida como um elemento estratégico, cujo conjunto de atributos são essenciais para que os indivíduos possam perceber, acessar, filtrar, apropriar, compartilhar, usar e reusar dados, informações e conhecimentos (Capurro, 2003; Gasque, 2013; Vitorino; Spudeit, 2020). A competência em informação viabiliza a participação ativa do indivíduo na Sociedade da Informação e do Conhecimento, uma vez que mobiliza e combina conhecimentos (saber), habilidades (saber fazer) e atitudes (querer fazer) (Melo; Araújo, 2007). Ela influencia na percepção, compreensão e apropriação de dados, informação e conhecimento, visando a geração de novo conhecimento ou conhecimento incremental, bem como sua aplicabilidade ao cotidiano que vivenciam, seja no âmbito profissional, seja no âmbito pessoal (Belluzzo, 2005).

Segundo Doyle (1992, tradução nossa) uma pessoa competente em informação: reconhece que informações precisas e completas são a base para a tomada de decisão inteligente; reconhece a própria necessidade de informação; identifica fontes potenciais de informação; desenvolve estratégias de pesquisa consistentes; acessa fontes de informação; avalia informações; organiza informações para a aplicação prática; integra novas informações em um corpo de conhecimento existente; usa a informação no pensamento crítico e na resolução de problemas.

Dudziak (2010, p. 7), pautando-se no relatório da *American Library Association* (ALA), defende a importância da competência em informação “[...] para indivíduos, trabalhadores e cidadãos, reforçando o papel da informação na resolução de problemas e tomada de decisões”. Nesse sentido, propõe que a competência em informação está para o desenvolvimento econômico, e em decorrência deste resulta na efetivação da evolução pessoal e social do indivíduo (Dudziack, 2008). Belluzzo e Feres (2013) reafirmam esta concepção, ao

destacar que a competência em informação é uma condição *sine qua non* ao desenvolvimento e à geração de inovação em um país.

Diante do exposto, evidencia-se que as organizações exigem dos sujeitos organizacionais que nelas atuam competências, habilidades e atitudes relacionadas ao uso consistente de dados, informações e conhecimentos, bem como a saber agir diante de situações ambíguas e/ou desafiadoras. Rossetto, Belluzzo e Feres (2016, p. 2) explicam que as “[...] competências são caracterizadas como a disposição individual para o autodesenvolvimento que inclui elementos relativos a atitudes cognitivas, afetivas, voluntárias e motivacionais e que se interconectam”.

Entende-se a competência em informação no ambiente empresarial como requisito essencial para o profissional que necessita de informação em seu contexto de trabalho, independentemente do tipo de atividade. “Seria desejável que as competências informacionais fizessem parte do rol de competências dos mais variados profissionais, atividades e organizações” (Miranda, 2004, p. 118).

Nessa perspectiva, vale enfatizar que o profissional que possui competência em informação é um sujeito proativo no manejo de dados, informação e conhecimento. Ele, por sua vez, gera um processo de aprendizagem dinâmico e contínuo. De acordo com Dudziak (2003, p. 28), a competência em informação se refere ao “[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”. Dessa maneira, evidencia-se uma postura investigativa de aprendizado, ativa e independente por meio do pensamento crítico, ou seja, “Pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender” (ALA, 1989, p. 1).

A UNESCO (2016, p. 29) estabelece que a competência em informação se constitui em um

“[...] conjunto de competências que empodera os cidadãos para acessar, recuperar, compreender, avaliar, usar, criar e compartilhar informações e conteúdos midiáticos de todos os formatos, usando várias ferramentas, com senso crítico e de forma ética e efetiva [...]”.

No contexto empresarial a competência em informação é fundamental na medida em que os sujeitos organizacionais necessitam de informação para tomar decisões assertivas, solucionar problemas e, sobretudo, realizarem processos, atividades e tarefas específicas no cotidiano do trabalho.

Para desenvolver a competência em informação se requer estratégias, que podem ser subsidiadas e fortalecidas pela metacognição. De acordo com Ribeiro (2003, p.110). “A metacognição diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos”. Nesse sentido, quanto mais os indivíduos souberem sobre o seu próprio conhecimento, sobre as suas estratégias cognitivas para a construção de ‘novos’ conhecimentos ou conhecimentos incrementais, melhor condição terá para tomar decisões consistentes, gerar diferenciais competitivos e inovarem.

Assim, compreende-se a metacognição como um importante recurso para a competência em informação, pois de acordo com Dudziak (2001, p. 150-151) a competência em informação

[...] privilegia os processos de construção do conhecimento, enfatizando a cognição, a parte intelectual e mental do ser humano e sua capacidade de pensar, refletir, analisar, criticar, extrapolar, buscar e processar informações, produzir conhecimento significativo. É resultado de um processo de construção de sentido por parte do indivíduo, direcionado ao objeto, sensível a fenômenos e reflexivo [...].

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é discorrer sobre a importância da metacognição como estratégia essencial para o desenvolvimento da competência em informação em sujeitos organizacionais que atuam em contextos empresariais. Para tanto, como procedimentos metodológicos realizou-se uma revisão de literatura na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e no Google Acadêmico, sem recorte temporal, visando identificar e selecionar textos que subsidiem a reflexão quanto à contribuição da metacognição para a competência em informação no ambiente empresarial.

O levantamento para a revisão de literatura foi realizado utilizando as bases BRAPCI (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em

Ciência da Informação) e Google Acadêmico, reconhecidas pela ampla relevância no contexto acadêmico. Estas bases foram selecionadas por oferecerem uma abrangência significativa de publicações relevantes sobre a competência em informação e sua relação com a metacognição, visando garantir um embasamento sólido para a discussão.

No total, foram levantados 35 trabalhos entre artigos, dissertações e livros. A busca seguiu critérios específicos: foram utilizadas palavras-chave como "metacognição", "competência em informação", "aprendizado organizacional" e "ambiente empresarial", combinadas por meio de operadores booleanos, como "AND" e "OR", para refinar os resultados. Além disso, foram aplicados filtros relacionados à área de Ciência da Informação, priorizando publicações indexadas e revisadas por pares.

Os trabalhos levantados foram organizados em categorias temáticas, divididas de acordo com os aspectos abordados: teóricos, metodológicos e aplicados. Essa organização permitiu uma análise mais detalhada dos diferentes enfoques, facilitando a identificação de conexões entre a metacognição e a competência em informação no contexto empresarial.

Essa abordagem sistemática e criteriosa buscou garantir a relevância e a diversidade das fontes, proporcionando um panorama consistente para subsidiar as discussões e conclusões do estudo.

2 METACOGNIÇÃO: PENSAR SOBRE O PENSAR

Relativamente recente na literatura, a metacognição, proveniente da década de 1970, tem origem na Psicologia contemporânea de orientação cognitivista. O termo metacognição foi utilizado pela primeira vez na literatura científica por Flavell, mais especificamente em 1971, em um artigo intitulado: *"First discussant's comments: What is memory development the development of?"*. Enquanto especialista em Psicologia Cognitiva Infantil, Flavell aplicou a metacognição aos estudos da memória, depois estendeu a outros processos mentais, como a linguagem e a comunicação, percepção e atenção, compreensão e solução de problemas (Flavell, 1979).

De acordo com Flavell (1979, p. 906), a metacognição se refere ao "[...]

conhecimento e cognição sobre o fenômeno cognitivo”, ou seja, envolve não só o conhecimento em si, mas a autoconsciência dos próprios processos de conhecer (Flavell, 1979). Etimologicamente “[...] a palavra metacognição significa para além da cognição, isto é, a faculdade de conhecer o próprio ato de conhecer, ou por outras palavras, consciencializar, analisar e avaliar como se conhece” (Ribeiro, 2003, p. 109). Desse modo, constitui-se no pensar sobre o pensar, enfatizando a importância da tomada de consciência do indivíduo quando realiza uma tarefa. A metacognição regula e monitora os processos cognitivos fundamentais para o processo de tomada de decisão.

Morin (1999, p. 25) explica que “[...] o conhecimento do conhecimento só pode permanecer no interior da linguagem, do pensamento, da consciência”. Ainda, segundo Morin (1999, p. 71), “As estratégias cognitivas têm por missão: a) extrair informações do oceano do “ruído”; b) realizar a representação correta de uma situação; c) avaliar as eventualidades e elaborar cenários de ação”.

Flavell, Miller e Miller (1999, p. 125), postulam que a metacognição diz respeito ao “[...] conhecimento ou atividade cognitiva que toma como seu objeto a cognição ou que regula qualquer aspecto da iniciativa cognitiva”. Nessa perspectiva, a metacognição se apresenta como conhecimento ou como a consciência e o controle que a pessoa tem de seus processos cognitivos, ou seja, o conhecimento da cognição se refere aquilo que os indivíduos sabem sobre sua própria cognição.

Segundo Brown (1987) e Jacobs e Paris (1987), nesta circunstância ocorrem três tipos diferentes de consciência metacognitiva: conhecimento declarativo, processual e condicional. O conhecimento *declarativo* refere-se a saber ‘sobre’ coisas. O *conhecimento processual* relaciona-se ao saber ‘como’ fazer as coisas. O *conhecimento condicional* refere-se a conhecer os aspectos do ‘por que’ e ‘quando’ fazer as coisas. Nesse sentido, o *conhecimento declarativo* compreende o conhecimento sobre si mesmo e sobre quais fatores influenciam o desempenho das pessoas; pressupõe saber quais estratégias existem para serem utilizadas; o *conhecimento processual* é saber como utilizar as estratégias disponíveis e o *conhecimento condicional* é ter ciência de quando e por que fazer uso destas estratégias.

O conhecimento metacognitivo passa a ser entendido como responsável pela consciência do indivíduo sobre 'o que se sabe', isto é, se refere a conhecimentos e crenças acumulados, por meio de experiências armazenadas na memória. Andretta *et al.* (2010) explica que a metacognição pode auxiliar na execução de muitas tarefas cotidianas, até mesmo na seleção de estratégias de memória que sejam mais apropriadas para determinados contextos, possibilitando a otimização de tempo e, por consequência, no aprimoramento do conhecimento obtido.

Parte-se do princípio que 'se sabe algo' ou 'não' se julga 'ser bom' em alguma atividade, seria como reativar a memória, algo que foi feito, estudado, aprendido, ou seja, o pensamento metacognitivo a partir da vivência (viver (uma dada situação), deixando-se afetar ela) e consciência do sujeito. A metacognição como reflexão voluntária realizada pelo indivíduo sobre o seu próprio conhecimento, em que considera aquilo que julga saber e como se relaciona com este conhecimento.

Desse modo, Ribeiro (2003, p. 114) ressalta que a "[...] metacognição em ação ou autocontrole cognitivo diz respeito a reflexões pessoais sobre a organização e planificação da ação". Isto posto, sua ocorrência se dá no início da execução de uma tarefa, sendo adequada durante o seu desenvolvimento, revisada para que ao final seja validado um resultado (Ribeiro, 2003).

Assim, "[...] gerir uma tarefa é poder guiá-la, avaliá-la, corrigi-la e regulá-la, caminhando em direção ao pretendido [...]" (Davis; Nunes; Nunes, 2005, p. 212). Estes autores, ainda, ressaltam que esta condição apenas não basta, o resultado da gestão da atividade deve viabilizar uma compreensão, ou seja, a explicitação do encadeamento entre os procedimentos, o objetivo e o desempenho alcançado. Logo, a reflexão do indivíduo o eleva a um nível mais abstrato ou teórico, com o efeito explicativo de sua concepção, a partir de uma situação-problema, criando conhecimento possível para generalização e compartilhamento de conhecimentos, aprendizados e experiências.

Segundo Flavell (1976) quando o sujeito identifica suas dificuldades em determinado assunto, essa percepção pode levá-lo a buscar novas informações. Assim, os recursos cognitivos dos sujeitos não são espontâneos, mas surgem à

medida que eles têm necessidade de solucionar tarefas ou problemas concretos, selecionando as estratégias relacionadas a cada situação. Nessa perspectiva, Flavell (1976) amplia sua definição adicionando a ideia de autorregulação, de modo que o sujeito recorra a sua estrutura cognitiva para monitorar e supervisionar seus próprios conhecimentos, e não apenas identificá-los.

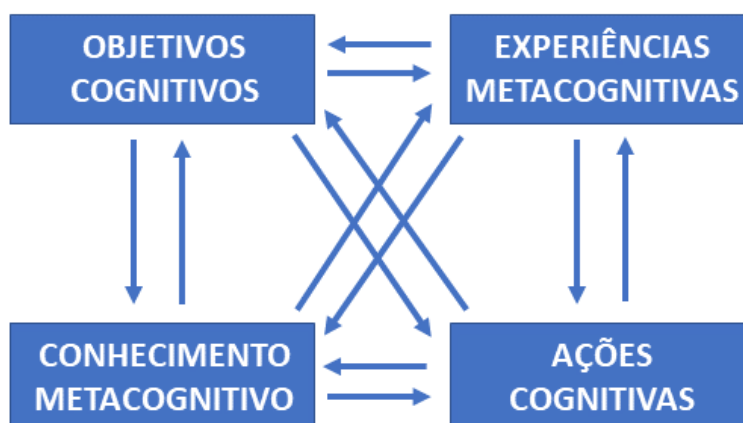
Flavell (1976) expande o termo metacognição, destacando o nível de consciência do conhecimento que os indivíduos possuem sobre sua maneira de pensar. Essa nova definição aparece mencionada no artigo “*Metacognitive aspects of problem solving*”.

Metacognição se refere, entre outras coisas, à avaliação ativa e consequente regulação e orquestração desses processos em função dos objetivos e dados cognitivos sobre o que se quer e, normalmente, a serviço de alguma meta ou objetivo concreto (Flavell, 1976, p. 232, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o conceito de metacognição definido pelo autor supracitado possui dois aspectos: o conhecimento sobre o próprio conhecimento e o controle executivo e autorregulador das ações. O primeiro envolve o conhecimento que os indivíduos possuem a respeito de seus recursos cognitivos e a relação entre eles, além de como influencia a forma como se responde a uma tarefa proposta. O segundo, relaciona-se ao controle e à regulação dos processos cognitivos, a habilidade dos sujeitos em planejar estratégias de ação, com vistas a alcançar um determinado objetivo, assim como os ajustes necessários para que isso se consolide.

Flavell (1979) impulsionou a Teoria Metacognitiva ao apresentar o Modelo de Monitoramento Cognitivo (*Model of Cognitive Monitoring*) que implica no monitoramento dos processos cognitivos, que ocorrem por meio da ação e interação de quatro classes de fenômenos: a) o conhecimento metacognitivo; b) as experiências metacognitivas; c) os objetivos cognitivos; d) as ações ou estratégias cognitivas (Figura 1).

Figura 1- Modelo de Metacognição de Flavell.



Fonte: Flavell (1979; 1987) adaptado por Mayor Sánchez, Suengas e González Marqués (1995, p. 55).

De acordo com Flavell (1979) o conhecimento metacognitivo é determinado por crenças que um indivíduo possui sobre ele próprio. Por sua vez, são consideradas variáveis que afetam as atividades cognitivas. Essas variáveis interdependentes são divididas em variáveis pessoais (permitem diferenciar os processos mentais do próprio sujeito dos processos mentais dos outros); variáveis da tarefa (habilidade do sujeito no manejo da informação, discriminação do nível de dificuldade, do quanto podem afetar seu processo de conhecimento); variáveis de estratégia (quais são as estratégias mais eficazes para atingir determinados objetivos).

No que se refere à experiência metacognitiva, compreende-se como as vivências cognitivas ou afetivas e concernentes a qualquer ação cognitiva, isto é, são as percepções conscientes que podem ser observadas antes, durante ou após a concretização de um processo cognitivo. Pode estar associada à percepção de fracasso ou sucesso, exercendo muitas vezes influência sobre a atividade cognitiva e possibilitando a mudança de objetivos.

Em relação à terceira classe de fenômenos, os objetivos cognitivos, Flavell (1979) os relaciona aos intuítos dos processos cognitivos, isto é, aquilo que o indivíduo pretende alcançar a partir de determinado processo cognitivo. Por fim, as ações ou estratégias cognitivas são os comportamentos ou cognições empregadas para atingir os objetivos, ou seja, são os meios empregados para alcançar os propósitos estabelecidos (Boruchovitch; Schelini; Santos, 2010;

Flavell, 1979; 1987).

As capacidades metacognitivas estão relacionadas ao processo de aprendizagem, ou seja, aos processos de construção de conhecimento e desenvolvimento de competências/habilidades. A relevância de pensar sobre as próprias ações e conhecimentos, se posicionando como ator principal ou sujeito ativo do próprio aprendizado, com uma perspectiva avançada reflexiva e crítica se configura na autorregulação. Boruchovitch, Schelini e Santos (2010, p. 130) baseando-se em Boruchovitch (2006) salientam que

“[...] a autorregulação diz respeito a capacidade do indivíduo de se responsabilizar pelo próprio processo de aprender. Envolve, invariavelmente, metacognição, motivação e emprego apropriado de estratégia de aprendizagem”.

Assim, entende-se que quanto mais acurada a habilidade metacognitiva, melhor será a aprendizagem e a construção de conhecimentos. Segundo Neves (2007) o uso da cognição e da metacognição possibilita o armazenamento de informação ou a representação de determinado fato, ou seja, a ‘nova’ informação incorpora-se às informações que já estão armazenadas. A metacognição ocorre pela consciência sobre como o conhecimento é obtido, sendo possível que os próprios indivíduos gerenciem esse processo, utilizando-se de estratégias metacognitivas para a aprendizagem e resolução de problemas em diversas situações cotidianas.

Para a aprendizagem é importante a percepção de necessidades de informação, a busca, a seleção e o uso de informação. Miranda (2006, p. 103) corrobora ao evidenciar que a “[...] necessidade surge da falta de sentido percebida nas situações enfrentadas, causando uma lacuna de sentido que se busca preencher com o uso de informações”. A informação, na abordagem cognitiva, é entendida como construção realizada pelo sujeito que possui sentido, somente quando associada a um contexto que determine o atingimento de um objetivo ou a resolução de um problema. Vale destacar que o indivíduo apresenta um repertório de conhecimentos, crenças e valores, com necessidades afetivas e fisiológicas influenciadas por um contexto social, cultural, político e econômico, contudo, é condição que fundamenta a busca, percepção, apropriação, uso e reuso da informação (Varela; Barbosa; Farias,

2015).

Desse modo, considerando as habilidades necessárias ao indivíduo para perceber suas necessidades informacionais, assim como para lidar de maneira adequada e reflexiva com dados, informações e conhecimentos, evidencia-se a relevância da metacognição para a competência em informação. Conforme mencionado anteriormente em relação à aprendizagem, quanto mais acuradas forem as estratégias metacognitivas utilizadas pelo indivíduo, melhores condições ele terá para desenvolver suas habilidades inerentes à competência em informação, considerando as peculiaridades do aprendiz, o contexto e os próprios propósitos.

3 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E A METACOGNIÇÃO

Durand (2000) sugere um conceito da palavra competência baseado numa tríade que envolve Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA), englobando não apenas questões técnicas, mas também, cognitivas e atitudinais relacionadas ao trabalho. Este autor concebe o conhecimento equivalente aos conjuntos estruturados de informação que ao serem compreendidos pelo indivíduo, o faz 'entender o mundo'. O conhecimento inclui o acesso aos dados que reconhecidos pelo indivíduo integra-se a uma estrutura pré-existente, que o faz progredir (e aprender) ao longo da vida.

O *know how* é construído a partir das ações que combinam habilidades e técnicas, entendidas como uma capacidade concreta de agir em sintonia com os objetivos ou processos predefinidos (tarefas). Entretanto, a atitude diz respeito a fatores afetivos e sociais, a interação do indivíduo ao grupo ou organização. As dimensões da competência são interdependentes e reforçam-se mutuamente. Nesse sentido, de acordo com Durand (2000), o aprendizado ocorre na interação entre informação e ação.

Ao definir competência, Zarifian (2001) faz referência à metacognição e às atitudes relacionadas ao trabalho, partindo do princípio das exigências de contexto dinâmico e competitivo. Nesse contexto, o desenvolvimento de competências reside na capacidade de aprendizagem diante das experiências em aprender a enfrentar, com bom resultado, diversas circunstâncias e, assim,

alcançar o estágio de ‘aprender a aprender’ (Zarifian, 2001).

A competência está relacionada essencialmente ao desempenho do indivíduo e sua cognição, requerendo atitudes, ações e comportamentos aplicados em um determinado fato ou contexto. Isso ocorre quando os profissionais conseguem se identificar como sujeitos responsáveis por suas expectativas, sucessos, insucessos, aprendizagem e crescimento profissional, entre outros, estabelecendo um planejamento com objetivo no comprometimento consigo mesmo, e de estar preparado e atualizado para novos desafios, sejam eles sociais, profissionais, educacionais ou organizacionais. Assim, na perspectiva de Miranda (2006, p. 108) “[...] define-se competência como o conjunto de recursos e capacidades colocado em ação nas situações práticas do trabalho: saber (conhecimentos), saber-fazer (habilidades) e saber-ser/agir (atitudes)”.

Os conceitos de competência apresentados podem ser visualizados na concepção de competência em informação de Dudziak (2003, p. 26), relacionada ao aprendizado ao longo da vida e ao aprender a aprender. De acordo com esta autora, a competência em informação trata-se de um processo constante de absorção de fundamentos conceituais, atitudes e habilidades, essenciais para compreender e interagir com o universo informacional e sua dinâmica, promovendo, assim, um aprendizado contínuo ao longo da vida.

Os primeiros estudos relativos à competência em informação (*information literacy*) foram atribuídos às reflexões propostas pelo bibliotecário Paul Zurkowski (Presidente da *Information Industry Association*). De acordo com Dudziak (2003, p. 2), “[...] Zurkowski antevia um cenário de mudanças e recomendava que se iniciasse um movimento nacional em direção à *information literacy*”. Face a isso, defendia que a competência em informação fosse “[...] aplicada às situações de trabalho, na resolução de problemas, por meio do aprendizado de técnicas e habilidades no uso de ferramentas de acesso à informação”.

A ampliação do conceito de competência em informação ao longo do tempo incluiu dimensões mais abrangentes, indo além da busca e uso de recursos técnicos. Ele passou a ser entendido como um instrumento para a

tomada de decisões e para a emancipação política e cidadã. Nesse contexto, Dudziak (2003) ressalta que, com essa nova perspectiva, além das habilidades informacionais, valores ligados à cidadania passaram a integrar o conceito.

Vitorino e Piantola (2011) destacam ainda a dimensão política dessa competência, ressaltando que ela é crucial para a formação de sujeitos críticos e participativos, algo que será aprofundado posteriormente. Ademais, o modelo CHA — Conhecimentos, Habilidades e Atitudes — evoluiu para o CHAVE ao incorporar os Valores e o Entorno, ampliando sua abrangência e alinhando-se à visão integrada e atualizada de competência em informação.

A mesma autora relata que a partir da Década de 1980, com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a ênfase atribuída a competência em informação como capacitação em TIC foi ampliada, em especial no ambiente profissional, estendendo-se para as escolas secundárias, porém com foco mais instrumental. Na sequência, tendo como ponto de partida o estudo de usuário de Breivik (1985) e as pesquisas de Kuhlthau (1988) no início dos anos de 1990, surge uma visão da competência em informação mais voltada à educação, promovendo a integração das ações dos bibliotecários e professores, na implementação de programas voltados à competência em informação dos estudantes (Dudziak, 2003).

Nesse contexto, a *American Library Association* (ALA, 1989, p. 1) propõe que “[...] para ser competente em informação, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação”. Além disso, enfatizou que pessoas consideradas competentes em informação são aquelas que desenvolveram a habilidade de aprender de forma autônoma e contínua. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir delas”.

Ainda referindo-se ao percurso da temática competência em informação, Dudziak (2003, p. 27) evidencia que na sequência somam-se os estudos voltados à proposição de modelos de competência em informação, com o objetivo de descrever as ações requeridas aos usuários de unidades de

informação durante o processo de identificação de necessidades, busca, seleção e uso da informação. Em relação a isso, a autora supracitada salienta que muitos estudiosos do tema passam a olhar para “[...] a busca e o uso da informação enquanto processo cognitivo para a resolução de problemas, direcionando o aprendiz ao pensamento crítico e criativo [...]”.

Hatschbach e Olinto (2008) acrescentam que a ideia de aprendizado ao longo da vida evidenciado pela ALA (1989) foi aos poucos sendo agregado ao conceito de competência em informação, principalmente quando o tema foi se expandindo para além do mundo acadêmico, incluindo também o ambiente de trabalho. As autoras reforçam a ampliação de interesse pelas pesquisas do tema por professores, psicólogos, coordenadores de curso e diretores, assim como distintos tipos de públicos envolvidos nos estudos.

No Brasil, a produção de pesquisas sobre a competência em informação é crescente, embora seu início tenha sido recente no âmbito da Ciência da Informação, visto que os primeiros estudos brasileiros foram realizados no início dos anos 2000. Dudziak (2003) e Hatschbach e Olinto (2008) mencionam as pesquisas de Belluzzo (2001), Dudziak (2001) e Hatschbach (2002) entre as precursoras.

O desenvolvimento de competência em informação possui ênfase em três concepções fundamentais, de acordo com Dudziak (2003): concepção da informação digital (TIC); concepção da informação como processos cognitivos (informação propriamente dita – processo de busca da informação para construção de conhecimento); concepção da informação social (habilidades, conhecimentos e valores produzem o aprendizado e, por consequência, mudanças individuais e sociais, ou seja, o aprendizado ao longo da vida como exercício de cidadania).

Complementar a isso, Vitorino e Piantola (2011), com base em Rios (2006), preconizam quatro dimensões norteadoras ao desenvolvimento da competência em informação – técnica, estética, ética e política. O uso das tecnologias para encontrar a informação (dimensão técnica), compreender, relacionar e criar novas informações, a fim de obter ideias ou conhecimentos, tendo como base a criatividade e a sensibilidade (dimensão estética) e o uso da

informação acompanhado dos valores éticos do indivíduo para o bem comum da coletividade (dimensão ética e política). Conforme estas autoras, é essencial a presença dessas dimensões para se refletir sobre a competência em informação. O equilíbrio das dimensões favorece o desenvolvimento da metacompetência no indivíduo (Vitorino; Piantola, 2011).

A partir dessas concepções sobre a evolução da competência em informação, destaca-se o enfoque dos processos cognitivos, na busca, percepção, apropriação, interpretação, uso e reuso da informação. Processo este que pressupõe autoavaliação, capacidade de lidar com dificuldades e falhas de aprendizado, além de autoconhecimento para aferir, qualificar e determinar conhecimentos, habilidades e atitudes. A noção de apreensão da informação em diversas fontes disponíveis, possibilitando a resolução de um problema convergindo em conhecimento. No entanto, este processo se concretiza a partir do desenvolvimento de habilidades e decisões (ser reflexivo) com o escopo de solucionar um problema em informação, a partir da dimensão técnica da competência em informação (Oliveira; Vitorino, 2016) associada às demais dimensões (estética, política e ética).

Ao mobilizar a dimensão técnica da competência em informação na perspectiva do indivíduo, refletir sobre suas próprias ações e conhecimentos, ou seja, habilidades cognitivas superiores, pode-se inferir que há uma abordagem metacognitiva de aprendizagem, o pensar sobre o pensar e o saber pensar. Nesse sentido, deve ser capaz de no decorrer de uma atividade de busca de informação realizar indagações em seu fazer como: Quais informações utilizar? Quais as fontes mais confiáveis? As informações são suficientes? Que tipos de estratégias escolher? “As indagações auxiliam o indivíduo a refletir sobre o processo e quanto ao produto final, e na auto orientação para a execução das atividades, ou seja, decidir o que fazer [...]”, assim, checar as informações (problema ou requisitos da tarefa) caso não houver informações suficientes, definir nova busca de informação (Oliveira; Vitorino 2016, p.21).

Na dimensão técnica se encontra a base das habilidades de busca, avaliação e uso da informação, denominando-a de “dimensão suporte” (Oliveira; Vitorino 2016). No contexto da educação, a dimensão técnica, segundo Rios

(2006), poderia ser entendida como um alicerce essencial para o desenvolvimento da competência em informação. Essa dimensão não apenas se relaciona com o domínio de um campo específico de atuação, como também envolve habilidades práticas que, no âmbito educacional, são necessárias para lidar de forma eficaz com informações, ferramentas e recursos pedagógicos. Contudo, a autora enfatiza que a dimensão técnica não deve ser considerada isoladamente.

Para alcançar uma formação integral e cidadã, é indispensável que as habilidades técnicas sejam articuladas com as dimensões estética, ética e política. Dessa forma, o equilíbrio entre essas dimensões pode favorecer não apenas o desenvolvimento da competência em informação no indivíduo, mas também seu papel crítico e reflexivo tanto em contextos educacionais quanto na sociedade como um todo (Vitorino; Piantola, 2011).

A dimensão estética faz referência a uma tomada de consciência em relação ao trabalho com uma percepção da realidade, sensibilidade em uma perspectiva criadora. A experiência estética abrange variados aspectos da vida humana, componente que constitui e constrói a subjetividade do indivíduo, sendo decisivo em seu caráter (Vitorino; Piantola, 2011). Presume-se que a autorreflexão e o autoconhecimento ocorrem mediante a apreciação sensível de si mesmo, na compreensão dos próprios valores e comportamentos e, por conseguinte, em como refletem no convívio social (Orelo; Vitorino, 2012).

A dimensão ética baseia-se em uma conduta pautada em princípios de respeito, solidariedade e justiça para o bem comum, refere-se à ação humana baseada em princípios que guiam a conduta dos indivíduos (Rios, 2011). Pellegrini e Vitorino (2018) complementam a ideia quando evidenciam que a ética está absolutamente relacionada com a experiência cotidiana dos indivíduos, os valores adotados, somando-se aos atos praticados que implicam nas decisões tomadas. Sobretudo, a dimensão ética da competência em informação determina um caráter crítico e de juízo de valor por parte do profissional, ao se posicionar ou adotar posturas no ambiente de trabalho relativo ao uso da informação com responsabilidade. Deve-se saber selecionar a informação e a comunicação, e simultaneamente equilibrar os valores

conflitantes, a fim de que os resultados das ações do indivíduo no ambiente profissional reflitam justiça e o bem coletivo. Sobretudo, nessa dimensão é imperativo a reflexão sobre a ação.

Ainda, segundo Pellegrini e Vitorino (2018), seja definindo critérios de uso ético e legal da informação ou seguindo os existentes, essa dimensão evidencia especialmente as situações informacionais que abarque problemas, conflitos de valores ou tomada de decisões. “A ética está presente em toda a ação do indivíduo, no âmbito pessoal e profissional, considerando-se as implicações de suas ações na coletividade” (Pellegrini; Vitorino, 2018, p. 127).

A dimensão ética exige uma ação individual fundamentada em princípios para que não se prejudique os outros e se assegure o bem comum ou coletivo. Assim, a ética está intrinsecamente ligada à política em seu caráter subjetivo. A dimensão política é vista como “[...] uma cidadania ativa e responsável requer que as pessoas estejam aptas e motivadas para exercer seus direitos e deveres em relação à comunidade e ao Estado, participando assim da vida pública” (Vitorino; Piantola, 2011, p. 107). Nesse sentido, a dimensão política vincula-se ao contexto social, e ao exercício de cidadania, ou seja, o “homem político” consciente de seu trajeto histórico, atuante na construção e na transformação da vida social (Vitorino; Piantola, 2011, p. 106-107).

Todas as dimensões supracitadas são fundamentais para o desenvolvimento da competência em informação, enquanto a técnica tem sua relevância no caráter prático e objetivo, na ação cotidiana de busca e uso adequado da informação. A estética está ligada à subjetividade do indivíduo, aos sentidos e percepções. O lidar com a informação de modo criativo e significativo, só é possível a partir de um repertório pessoal que induz a uma nova interpretação, reflexão e ação sobre a realidade.

A ética permeia todas as dimensões e seu papel reside em focar ações que proporcionem o bem viver no contexto social. Pressupõe juízo crítico e noção de autonomia, no alcance das ações e consequências destas no campo pessoal e, principalmente, coletivo. Logo, a responsabilidade e o compromisso na busca e uso da informação exigem uma postura ética para atuação em uma esfera social e política. Sendo assim, o conceito de política presume exercício

de cidadania, desempenhar ativamente seus direitos e deveres, e influenciar no coletivo. Envolve capacidade de compreender a natureza da informação, escolher e decidir de modo consciente, intervindo de maneira expressiva no bem-estar social. (Vitorino; Piantola, 2011). Em todas as dimensões que compõem a competência em informação é possível observar a atuação dos processos metacognitivos, que provocam autorreflexão e autoconhecimento, consciência e senso crítico e, sobretudo, autonomia para buscar, perceber, avaliar, apropriar, pensar e fazer uso da informação conforme identificar sua própria necessidade.

Recentemente a *Association of College and Research Libraries* (ACRL) revisou e atualizou o conceito de competência em informação proposto pela ALA (1989). Além dos aspectos cognitivos e afetivos, essa nova perspectiva, também, relaciona a metacognição como pano de fundo para as ações do indivíduo em relação à competência em informação.

[...] conjunto de habilidades integradas que abrange a descoberta reflexiva de informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada, o uso de informação na criação de novos conhecimentos e a participação ética nas comunidades de aprendizagem (ACRL, 2016, p. 3, tradução nossa).

A ACRL (2016) enfatiza que a competência em informação está imbricada à metacognição, uma vez que se espera que o indivíduo seja ativo e possua autonomia na busca, percepção, apropriação e uso da informação, identificando sua própria necessidade de informação e de seu processo de aprendizagem. Sendo assim, o indivíduo deve ser capaz de compreender seu modo em particular de aprender e de pensar, ou melhor, ter autoconsciência e autorreflexão.

A relação de complementaridade é evidenciada, porquanto a competência em informação está para o lidar com a informação e a metacognição está para o manejo do conhecimento. De acordo com Wolf (2007) indivíduos autorregulados monitoram, ao mesmo tempo em que quando estão desenvolvendo a competência em informação avaliam, ou seja, as analogias entre os dois campos giram em torno da aplicação de normas e procedimentos relativos a uma tarefa específica. Esta autora propõe um diagrama para mostrar

a convergência entre a autorregulação e a competência em informação, a qual pode ser pensada como a descrição das características apresentadas na intersecção do diagrama (Figura 2).

Figura 2 - Convergência de autorregulação e competência em informação.



Fonte: Adaptada de Wolf (2000, p. 11).

A competência em informação habilita o indivíduo na busca, percepção, avaliação, apropriação, compartilhamento, uso e reuso da informação e construção de conhecimento. Nesse caso, a metacognição se apresenta como uma ferramenta que auxilia a partir de suas estratégias, maximizando a competência em informação, no momento em que viabiliza um distanciamento crítico e reflexivo da ação, isto é, possibilita verificação e mudança. Corroborando essa visão, Martin (2013) explica:

A aprendizagem metacognitiva reforça a competência em informação como um método reiterativo e holístico processo onde os indivíduos avaliam continuamente seu próprio desenvolvimento para expandir suas perspectivas da competência em informação (Martin, 2013, p. 16, tradução nossa).

Nessa perspectiva, a autora supracitada enfatiza a competência em informação como parte do processo de aprendizagem que expande os papéis do indivíduo e suas responsabilidades, de um buscador e usuário de informações diligente para alguém que também pode criar, gerenciar e disseminar de forma ética e crítica a informação (Martin, 2013). Nesse sentido, a metaliteracia é

concebida como um modelo abrangente para que a competência em informação avance quanto à relevância do pensamento crítico e reflexivo, no tocante às redes sociais, ambientes de aprendizagem abertos e comunidades *online*.

A metaliteracia segundo Mackey (2020) supera o conjunto de habilidades tradicionais de acesso, recuperação e avaliação de informações, que eram essenciais para os padrões originais da competência em informação, que agora também devem promover a produção ativa e o compartilhamento de conhecimento. A metacognição é imprescindível para este processo, pois fornece aos indivíduos os *insights* sobre o pensamento, enquanto reforça a capacidade de autorregular ou controlar a própria aprendizagem (Flavell, 1979).

Com a tecnologia e a Internet integradas na vida cotidiana, seja no trabalho ou fora dele, o panorama das informações torna-se cada vez mais complexo, em razão de mídias colaborativas, da qualidade e confiabilidade das informações, ou seja, a importância de se desenvolver essas habilidades é crucial (Wade, 2020). Ressalta-se que os componentes-chave para o desenvolvimento de novas competências para o século XXI, incluem ênfase na informação de mídias, pensamento crítico, resolução de problemas e autodireção (AASL, 2018), sendo a metacognição essencial para o modelo de metaliteracia (Fulkerson; Ariew; Jacobson, 2017).

Atualmente as pessoas ao desenvolverem a competência em informação se envolvem ativamente, ao invés de passivamente, participam do processo da informação, resultando em indivíduos que assumem um papel mais amplo, interativo e colaborativo no que se refere ao compartilhamento e produção da informação. Com uma perspectiva abrangente e unificada a metaliteracia reforça essas responsabilidades em quatro domínios de aprendizagem afetivo (emoções e atitudes), comportamentais (competências e ações), cognitivas (pensar e saber) e metacognitivos (reflexivos e autorreguladores) (Jacobson; Mackey; O'brien, 2021).

A aprendizagem ao longo da vida impõe uma necessidade premente e crescente de competência em informação, além do meio acadêmico como também no contexto de mundo real, como ambientes de trabalho e pessoal. Lloyd (2013) conceitua "resiliência da informação" como sendo a capacidade de

responder prontamente para evoluir, em consequência às necessidades de informação no ambiente de trabalho, fundamentada na mudança das tecnologias cada vez mais multimodais, com implicações diretas na competência em informação.

Destaca-se, também, a relevância da metacognição na observação de Belluzzo e Feres (2013) que evidenciam a competência em informação sendo mobilizada no contexto de trabalho, e pode ser entendida como requisito do perfil profissional é imprescindível para trabalhar com a informação, independentemente do tipo de profissional ou de atividade a ser desempenhada e, assim, mencionam que esteja no rol de competências dos mais variados profissionais, atividades e organizações.

Nessa perspectiva, a competência em informação possui uma função estratégica na esfera organizacional, evoca uma metodologia, que provoca a mobilização de recursos intelectuais, como memória, imaginação, percepção e raciocínio, organizados para identificação dos conteúdos estratégicos. Essa visão é apoiada por Weiner (2011, p. 2, tradução nossa) quando afirma que “[...] o sucesso das organizações em seus negócios requer uma capacidade de monitorar tendências e adaptar-se prontamente a elas”.

A partir do referencial de Gasque (2010) que corrobora o sentido polissêmico do termo competência advindo do campo empresarial por meio de programas de capacitação de recursos humanos, reengenharia e qualidade total, que tinham o escopo de melhorar a produtividade e a competitividade, principalmente por intercorrência das questões tecnológicas influenciando nas formas de organização do trabalho. Nesse sentido, houve a intenção de buscar capacitar o sujeito no âmbito do trabalho, para suplementar o conhecimento adquirido na escola. Enfatiza-se que ao conceito de competência recai intrinsecamente sobre o conhecimento aplicado, que requer solução de problemas e tomada de decisão por meio da busca e uso da informação. Segundo esta autora decidir de modo eficaz está relacionado à competência em buscar a informação, depurando-a a partir de seu referencial pessoal, mesmo que gere uma conclusão provisória, ou seja, o procedimento de organizar a informação se dá por meio do pensamento reflexivo (Gasque, 2012; 2013).

A priori entende-se que as habilidades são verificadas por meio das competências que admitem o “saber fazer”, ou seja, ações efetivas, habilidades incorporadas transformando-se em novas competências. Desse modo, buscar e usar informações de maneira eficiente demanda um manejo e uma série de habilidades cognitivas para que seja de fato efetiva.

Assim, a busca e uso da informação estão condicionados às necessidades informacionais do indivíduo. Miranda (2006) concebe que tais necessidades são oriundas de papéis dos indivíduos na vida social, com relevância ao papel exercido no trabalho. Nesse sentido, o indivíduo conduz sua estratégia para atingir seus objetivos, por meio do planejamento, monitoramento e avaliação do processo, não obstante o uso da informação integra-se de atividades e engajamento do indivíduo, ao apropriar a informação, transformando-a em conhecimento (Gasque, 2008). A competência em informação está relacionada aos aspectos cognitivos, enfatiza o uso, interpretação e busca de significados, o foco está no indivíduo e em seus processos de entendimento da informação, conhecimento e aprendizado (Dudziak, 2003). Assim, novamente enfatiza-se a necessidade da metacognição nesse processo.

Morin (1999, p.68) destaca que

Aprender não é somente adquirir um *savoir-faire* (saber como), mas também saber como fazer para adquirir saber; pode ser a aquisição de informações; pode ser a descoberta de qualidades ou propriedades inerentes a coisas ou seres; pode ser a descoberta de uma relação entre dois acontecimentos ou, ainda, a descoberta da ausência de ligação entre eles.

Gasque (2010), ainda, acrescenta que o aprendizado converge para construção de redes semânticas para compreensão de mundo e consequente construção de conhecimentos, competências e valores vinculados a um contexto social. Em referência à importância do aprender a aprender, habilidade chave para a competência em informação, Neves (2007, p. 117-118) reafirma que a “[...] aprendizagem é uma ação metacognitiva já que é um processo consciente de aquisição de informação transformando-a em conhecimento”. O sujeito faz autorregulação e monitoramento cognitivo impulsionando sua aprendizagem. A lógica da metacognição em ação requer um sujeito organizacional consciente,

reflexivo, capaz de intervir no modo de pensar e agir.

A metacognição é uma estratégia que possibilita que o indivíduo transforme o conhecimento em conduta profissional, já que pensar sobre o processo do pensamento é viabilizar estratégias que auxiliem nesse processo elevando ao máximo as potencialidades individuais para produzir uma solução para a situação problema. Entendida como uma fase de processamento de alto nível que é adquirida e desenvolvida pelo acúmulo do conhecimento específico de tal forma que leve o indivíduo a monitorar, regular e elaborar novas estratégias que potencializam sua cognição (Jou; Sperb, 2006).

A autorregulação é agenciada por essas ações, condição fundamental do sujeito organizacional que promove atitude consciente e proativa frente a um fato ou problema, induzida por sua capacidade de analisar, julgar e decidir. Sendo assim, a metacognição pode apoiar substancialmente a competência em informação, uma vez que essa tem entre os seus objetivos proporcionar o aprender a aprender. Ribeiro (2003) reforça que a metacognição pode ser vista como a capacidade chave de que depende a aprendizagem, e certamente é a mais importante: aprender a aprender. Dudziak (2003), que destaca que a competência em informação é um processo contínuo de internalização de conhecimentos, habilidades e valores relacionados à busca, acesso, avaliação, organização e disseminação da informação. Essa perspectiva reforça a importância de integrar essas dimensões para promover um aprendizado ao longo da vida e uma interação eficaz com o universo informacional. Para Rasteli e Cavalcante (2013, p. 168) “[...] os componentes que sustentam o conceito de competência em informação são: o processo investigativo; o aprendizado ativo; o aprendizado independente; o pensamento crítico; o aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida”

Nesse sentido, é possível conceber que em todos esses componentes, a aprendizagem é fator primordial e, para tanto, os processos cognitivos são essenciais para sua origem e desenvolvimento. Notadamente evidencia-se que a metacognição, produto da cognição, perpassa por todos os componentes entendidos como pilares da competência em informação. Assim, a capacidade de reflexão dos próprios processos de busca, percepção, avaliação, apropriação,

uso e reuso da informação, manifesta-se em um domínio consciente desta habilidade ao planejar, avaliar e monitorar efetivamente sua aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito profissional é fundamental que os sujeitos organizacionais saibam avaliar o processo de construção do pensamento e objetivamente relacioná-lo à prática e à experiência diária. Situação essa que, também, pode ser favorecida pela metacognição inter-relacionada à competência em informação. Assim, a metacognição é uma perspectiva no contexto organizacional para viabilizar a competência em informação, que conforme exposto ao longo deste estudo, integra as habilidades relacionadas ao reconhecimento das necessidades de informação, percepção, seleção, avaliação, apropriação, uso e reuso consciente dessa informação. Nesse sentido, é possível gerenciar o pensamento quando suas respostas não estão sendo satisfatórias, pois a metacognição regula e monitora a cognição que são vitais para o processo de tomada de decisão. Contudo, as tendências no que se refere a competência em informação indicam que o ambiente de informação do mundo real requer um conjunto de habilidades colaborativo, fluente em tecnologias, condição que inclui consciência metacognitiva para ser eficaz.

Ademais, atitudes autônomas e ativas têm correlação com metacognição e competência em informação, assim, é possível perceber uma convergência entre os dois conceitos. Desse modo, o indivíduo aprende nesse contexto, ao pensar sobre o pensar, usar a metacognição para lidar com informações de maneira eficiente e eficaz para a obtenção de êxito e desempenho profissional com excelência. A conexão entre esses dois conceitos concentra-se na capacidade de o indivíduo operacionalizar a busca, a percepção, a avaliação, a apropriação, o uso e o reuso da informação, ou seja, suas habilidades informacionais precisam ter na prática do contexto organizacional a autorregulação. Isso porque quando autorregulados os sujeitos organizacionais monitoram sua capacidade de aprender a aprender, potencializando a competência em informação.

A sociedade moderna possui características de um estado contínuo e

crescente no que tange ao volume e fluxos de informações provocado pelas TIC. Os profissionais de diferentes segmentos sentem os impactos dessas mudanças, portanto, é obrigatório para todos que desejam ser proativos em qualquer carreira abraçar essa perspectiva, desenvolvendo novas competências e habilidades. Nesse contexto, usufruir da tecnologia moderna aplicada, para poder acessar a informação, promover aprendizes independentes e auto regulados e, ao mesmo tempo, providos para a aprendizagem ao longo da vida. O trabalhador no cenário atual pode ser descrito como consumidor de informação que pode encontrar, avaliar, usar, produzir e compartilhar informações e fazer uso da tecnologia nas mais diversas atividades ou contextos. Além de possuírem habilidades informacionais, os indivíduos da sociedade moderna também devem ter proficiência no uso e formação dessas habilidades.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS. **AASL STANDARDS FRAMEWORK for Learners**. Chicago: ALA, 2018. 8 p. Disponível em: <https://standards.aasl.org/wp-content/uploads/2017/11/AASL-Standards-Framework-for-Learners-pamphlet.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Washington: ACRL/ALA, 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acesso em: 5 abr. 2023.

ANDRETTA, I.; SILVA, J. G.; SUSIN, N.; FREIRE, S. D. Metacognição e aprendizagem: como se relacionam? **PSICO**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 7-13, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3879/5209>. Acesso em: 5 abr. 2023.

ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES. **Framework for information literacy for higher education**. Chicago: ACRL, 2016. 36p. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/framework1.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

BELLUZZO, R. C. B. A *information literacy* como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DA PRODUÇÃO DA UNESP, 7., 2001, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Unesp, 2001.

BELLUZZO, R. C. B. B.; FERES, G. G. (org.). **Competência em Informação:** das reflexões às lições aprendidas. São Paulo: FEBAB, 2013. p. 58-74.

BELLUZZO, R. C. B. O uso de mapas conceituais para o desenvolvimento da competência em informação. *In*: PASSOS, R.; SANTOS, G. C. (org.). **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. Bauru: Kayrós, 2005. p. 29-49.

BORUCHOVITCH, E. Avaliação Psicoeducacional: Desenvolvimento de instrumentos à luz da psicologia cognitiva baseada na teoria do processamento da informação. **Avaliação Psicológica**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 145-152, 2006.

BORUCHOVITCH, E.; SCHELINI, P. W.; SANTOS, A. A. A. Metacognição: conceituação e medidas. *In*: SANTOS, A. A. A.; SISTO, F. F.; BORUCHOVITCH, E.; NASCIMENTO, E. (org.). **Perspectivas em avaliação psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 123-144.

BREIVIK, P. S. A vision in the making: Putting libraries back in the Information Society. **American Libraries**, Chicago, v. 16, n. 10, p. 723, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25629793>. Acesso em: 5 abr. 2023.

BROWN, A. L. Metacognition, executive control, self-regulation and other more mysterious mechanisms. *In*: WEINERT, F. E.; KLUWE, R. H. (ed.). **Metacognition, motivation and understanding**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1987. p. 65-116.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...] Minas Gerais: UFMG, 2003.

DAVIS, C.; NUNES, M. M. R.; NUNES, C. A. A. Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 205-230, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a1135125.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

DOYLE, C. S. **Final report to National Forum on Information Literacy**. Syracuse, NY: ERIC Clearinghouse on Information Resources, 1992. 18 p. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED351033.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

DUDZIAK, E. A. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/7045/6994>. Acesso em: 5 abr. 2023.

DUDZIAK, E. A. Os faróis da Sociedade de Informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação &**

Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.
Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>. Acesso em:
5 abr. 2023.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2001. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: Principles, philosophy and practice. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016/1071>. Acesso em: 5 abr. 2023.

DURAND, T. L'Alchimie de la compétence. **Revue Française de Gestion**, n.127, p. 84-102, jan./feb. 2000. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-gestion-2006-1-page-261.htm> Acesso em: 5 abr. 2023.

FLAVELL, J. H. Metacognitive aspects of problem solving. *In*: RESNICK, L. R. (Ed.). **The nature of intelligence**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1976. p.231-235.

FLAVELL, J. H. Metacognition and cognitive monitoring: A new área of cognitive developmental inquiry. **American Psychologist**, v. 34, n. 10, p. 906-911, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.906>. Acesso em: 5 abr. 2023.

FLAVELL, J. H. Metacognition, executive control, self-regulation and other mysterious mechanisms. *In*: WEINERT, F. E.; KLUWE, R. (org.). **Metacognition, motivation and understanding**. Hillsdale: Erlbaum, 1987. p. 65-116.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H.; MILLER, S. A. **Desenvolvimento cognitivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FULKERSON, D. M.; ARIEW, S. A.; JACOBSON, T. E. Revisiting metacognition and metaliteracy in the ACRL framework. **Communications in Information Literacy**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 21-41, 2017. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/comminfolit/vol11/iss1/13/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 83-92, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf> Acesso em: 5 abr. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **ATOZ**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41315/25246>. Acesso em: 5 abr. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: FCI/UnB, 2012. 175 p. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf. Acesso em: 5 abr. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. O papel da experiência na aprendizagem: perspectiva na busca e no uso da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 2, p.149-158, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v20n2/03.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

HATSCHBACH, M. H. L. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002.108 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/722>. Acesso em: 5 abr. 2023.

HATSCHBACH, M. H. de L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-34, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>. Acesso em: 5 abr. 2023.

JACOBSON, T.; MACKEY, T.; O'BRIEN, K. Developing metaliterate citizens: Designing and delivering enhanced global learning opportunities. In: BOTTE, A.; LIBBRECHT, P.; RITTEBERGER, M. (ed.). **Learning information literacy across the globe**. Frankfurt: DIPF, 2021. p. 74-89. Disponível em: https://www.pedocs.de/volltexte/2021/17886/pdf/Jacobson_Mackey_OBrien_2021_Developing_Metaliterate.pdf. Acesso em: 5 abr. 2023.

JACOBS, J. E.; PARIS, S. G. Children's metacognition about reading: Issues in definition, measurement, and instruction. **Educational Psychologist**, v. 22, n. 3-4, p. 255-278, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00461520.1987.9653052>. Acesso em: 5 abr. 2023.

JOU, G. I. de; SPERB, T. M. A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 177-185, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

KUHLTHAU, C. C. Developing a model of the library search process: Cognitive and affective aspects. **Reference Quarterly**, Chicago, v. 28, n. 2, p. 232-242, Winter 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25828262>. Acesso em: 5 abr. 2023.

LLOYD, A. Building information resilient workers: The critical ground of workplace information literacy. what have we learnt? In: KURBANOGĞLU, S; E. GRASSIAN, D. MIZRACHI, R. CATTS; S. ŠPIRANEC (ed.). **Worldwide commonalities and challenges in information literacy research and**

practice. Berlim: ECIL; Springer, 2013, v. 397; p. 219-228. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-03919-0_28. Acesso em: 5 abr. 2023.

MACKEY, T. P. Embedding metaliteracy in the design of a posttruth MOOC: Building communities of trust. **Communications in Information Literacy**, v. 14, n. 2, p. 346-361, 2020. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1411&context=comminfolit>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MARTIN, J. L. **Learning from recent British information literacy models**: A report to ACRL'S information literacy competency standards for higher education task force. Mankato: Minnesota State University, 2013. 51 p. Disponível em: https://cornerstone.lib.mnsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=lib_services_fac_pubs. Acesso em: 5 abr. 2023.

MAYOR SÁNCHEZ, J.; SUENGAS, A.; GONZÁLEZ MARQUÉS, J. **Estrategias metacognitivas**: aprender a aprender y aprender a pensar. Madrid: Síntesis, 1995. 272 p.

MELO, A.V.C. de; ARAÚJO, E. A. de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 185-201, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/yvPSN6Lc7VFcsqqLJWH8TrF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MIRANDA, S. V. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a12v33n2.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MIRANDA, S. V. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MORIN, E. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999. 287 p.

NEVES, D. A. de B. Meta-aprendizagem e Ciência da Informação: uma reflexão sobre o ato de aprender a aprender. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 116-128, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n3/a09v12n3.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

OLIVEIRA, A. P. de; VITORINO, E. V. Os sentidos da dimensão técnica: abordagem sobre a competência em informação no âmbito da filosofia e da ciência da informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 40-65, mar./ago. 2016. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/1766/1970>. Acesso em: 5 abr. 2023.

ORELO, E. R. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 41-56, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v17n4/04.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

PELLEGRINI, E.; VITORINO, E. V. A dimensão ética da competência em informação sob a perspectiva da Filosofia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 117-133, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v23n2/1413-9936-pci-23-02-00117.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157/24518>. Acesso em: 5 abr. 2023.

RIBEIRO, C. Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 109-116, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/SvPsW9L8v4t7gmDXGHrdTPc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2023.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência de melhor qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSSETTO, M.; BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. A competência em informação (ColInfo) como recurso didático pedagógico e institucional: o Website Labirinto do saber como fonte de informação, de pesquisa e práticas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016, Manaus, **Anais** [...]. Amazonas: UFAM, 2016. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4391>. Acesso em: 5 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Marco de avaliação global da alfabetização midiática e informacional**: disposição e competências do país. Brasília: UNESCO; Cetic.br, 2016. 138 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246398>. Acesso em: 5 abr. 2023.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A.; FARIAS, M. G. G. Abordagem cognitiva para gestão do planejamento estratégico nas organizações. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 49-68, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/22890/14384>. Acesso em: 5 abr. 2023.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a08v40n1.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

VITORINO, E. V. SPUDEIT, D. Apontamentos sobre o comportamento e competência em informação de pessoas em situação de rua. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v.13, n.3, p. 1019–1038. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/24454>. Acesso em: 5 abr. 2023.

WADE, A. C.; LYSENKO, L.; ABRAMI, P. C. Developing information literacy skills in elementary students using the web-based inquiry strategies for the Information Society of the Twenty-First Century (ISIS-21). **Journal of Information Literacy**, Edimburgo v. 14, n. 2, p. 96-127, Dec. 2020. Disponível em: <https://ojs.lboro.ac.uk/JIL/article/view/2754/2926>. Acesso em: 5 abr. 2023.

WEINER, S. A. Information literacy and the workforce: A review. **Libraries Faculty and Staff Scholarship and Research**, West Lafayette, v. 34, n. 2, p. 7-14, 2011. Disponível em: https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1015&context=lib_fsdocs. Acesso em: 5 abr. 2023.

WOLF, S. Information literacy and self-regulation: A convergence of disciplines. **School Library Media Research**, [S.l.], v. 10, p.1-16, Sep. 2007. Disponível em: https://www.ala.org/aasl/sites/ala.org.aasl/files/content/aaslpubsandjournals/slr/vol10/SLMR_InformationLiteracy_V10.pdf. Acesso em: 5 abr. 2023.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. São Paulo: Atlas, 2001. 197 p.

METACOGNITION AND ITS INTERRELATION WITH INFORMATION LITERACY IN THE BUSINESS CONTEXT

ABSTRACT

Objective: The objective is to reflect on the interrelation between metacognition and information competence, regarding organizational learning. **Methodology:** The methodological approach adopted was a literature review based on research conducted in the Reference Database of Information Science Journal Articles and Google Scholar. **Results:** The results revealed that metacognition is an important factor for learning in the organizational context, as the organizational individual enhances their skills and abilities in handling data, information, and knowledge, providing greater effectiveness to their own professional performance. **Conclusion:** Metacognition strengthens information literacy, equipping professionals to handle organizational challenges more effectively.

Keywords: Metacognition. Information Literacy. Organizational Learning. Business Environment

METACOGNICIÓN Y SU INTERRELACIÓN CON LA COMPETENCIA EN INFORMACIÓN EN EL CONTEXTO EMPRESARIAL

RESUMEN

Objetivo: El objetivo es reflexionar sobre la interrelación de la metacognición con la competencia informacional, en lo que respecta al aprendizaje organizacional.

Metodología: Se adoptó como enfoque metodológico la revisión de literatura, basada en la investigación realizada en la Base de Datos Referenciales de Artículos de Revistas en Ciencias de la Información y Google Scholar. **Resultados:** Los resultados evidenciaron que la metacognición es un factor importante para el aprendizaje en el contexto organizacional, ya que el individuo organizacional potencia sus competencias y habilidades en el manejo de datos, información y conocimiento, proporcionando una mayor efectividad a su propio desempeño profesional. **Conclusión:** La metacognición fortalece la competencia en información, ayudando a los profesionales a enfrentar desafíos organizacionales de manera eficiente.

Palabras-Clave: Metacognición. Competencia en Información. Alfabetización informacional. Aprendizaje Organizacional. Ambiente de Negocios.

Recebido em: 07.05.2023

Aceito em: 27.03.2025